Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384
Boletim do Tempo Presente, nº 06, de 09 de 2013, p. 1 - 18, | http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente

OS DESTAQUES DA IMPRENSA SUL RIOGRANDESE SOBRE A MORTE DE AGOSTINHO NETO

Por *Mauro Luiz Barbosa Marques[i]*



Resumo: Este artigo analisa o conteúdo da imprensa ante a morte do presidente angolano Agostinho Neto ocorrida na URSS em 1979. Para isso serão utilizados os conteúdos de Zero Hora e Correio do Povo, dois dos grandes jornais do Rio Grande do Sul na época, quando cobriram com intensidade tal evento. Em paralelo será incluído o conteúdo da revista de circulação nacional Cadernos de Terceiro Mundo, especialista em assuntos do chamado 3° mundo.
Palavras-chave: Imprensa e História. Independência de Angola. Agostinho Neto

Abstract: This article analyze the content of the press about the death of Angolan President Agostinho Neto occurred in the USSR in 1979. For this goal, will be used the content in Zero Hora and Correio do Povo, the more important newspapers at Rio Grande do Sul in that moment, when followed that event with intensity. In parallel will be included the content in the magazine with national circulation Cadernos do Terceiro Mundo, specialist about affairs of the 3rd world.
Keys-words: Press and History. Angola's Independence. Agostinho Neto

Introdução

Entre 1975 e 1979, Agostinho Neto comandou o primeiro governo de Angola após a independência. Foi um período de extrema polarização política inclusive nos marcos internacionais, pois a Guerra Civil entre grupos guerrilheiros internos seguiu até o ano 2002. Somou-se a isso a agressão externa perpetrada por África do Sul, Zaire e EUA, com diferentes formatos e métodos.

O objetivo deste artigo é analisar o conteúdo de alguns veículos de comunicação sobre a morte de Agostinho Neto ocorrida em setembro de 1979 e as abordagens relativas a este fato. Para isso, recortamos reportagens dos jornais sul riograndenses *Zero Hora* e *Correio do Povo* junto à revista nacional *Cadernos do Terceiro Mundo*.

Vale destacar como um breve histórico destes veículos que o jornal *Correio do Povo* (CP) tem sua fundação em 1895, sendo um periódico de larga tradição no Rio Grande do Sul. Tal nome escolhido se deu em função de uma mudança ocorrida naquele período na imprensa local, marcada até então por jornais claramente de tendências partidárias ou vinculações oficiais.

Conforme nos conta Rudiger (1993, p. 58), o CP se apresentou ao público como "órgão de nenhuma facção partidária, que não se escraviza a cogitações de ordem subalterna [e que] vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos de uma facção".

Esta compreensão, escrita em outubro de 1895 em Manifesto no próprio jornal, buscou colocá-lo – teoricamente - acima das disputas partidárias daquele período e hegemônico no mercado de jornais. Isso não impediu que tal periódico mesmo nascendo pequeno, liberal e oposicionista tivesse "indiscutíveis raízes no patriciado rural, mais por vocação do que por origens do fundador" (GALVANI: 1995, p. 536).

Sendo assim, CP investiu em tecnologia com noções empresariais e capitalistas de gestão que o colocou na vanguarda de sua época, liderando seu segmento até os anos 1980, recorte temporal deste artigo. Antes disso, em 1969, já era a sétima empresa do ramo no país.

Por sua vez, o jornal *Zero Hora*, foi fundado bem mais tarde do que o CP. As origens deste jornal estão vinculadas a Maurício Sirotsky Sobrinho que, em 1940, controlava alto-falantes no centro da cidade de Passo Fundo. Em 1966, ele se associou ao jornal Zero Hora que já circulava desde 1964 em substituição ao jornal *Última Hora*, fechado pelo regime militar que se instalou no Brasil naquele ano, especialmente por estar vinculado ao projeto nacionalista de João Goulart (FONSECA: 2008, p. 154).

O controle acionário da família Sirotsky se consolidou em 1969. Tal mudança na condução no periódico, segundo Schirmer (2002, p. 73-74) não alterou o ideário

fundacional da empresa. Em sua apresentação pública em 1964 e na reafirmação dos Sirotsky em 1969, ZH esperava ser "um jornal, autenticamente gaúcho, democrático, sem vínculos ou compromissos políticos, com um único objetivo: servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis".

Com esta apresentação e conceito, ZH acabou se somando a Rádio e TV Gaúcha, formando o conglomerado RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações), segundo lugar em comunicação no Estado naquela altura. Este grupo desenvolveu métodos de gestão empresarial mais modernos e adequados à nova realidade dos anos 1960 e 1970, enquanto seus concorrentes ainda se atinham a padrões mais antigos.

Em 1969, por exemplo, ZH se tornou o primeiro jornal a adotar tecnologia off-set de impressão no Rio Grande do Sul, o que somado às reformas modernizadoras o tornaram um jornal altamente competitivo. Ao mesmo tempo, aproveitando-se do declínio de outros concorrentes (inclusive do CP), tornou-se o jornal de maior tiragem e maior venda avulsa a partir de 1982.

Além deste histórico dos periódicos, importa destacar que ZH e CP apresentavam, no período destacado neste artigo, uma adequação às formas de difusão de notícias que ocorriam naquele momento no mundo do jornalismo. Isso permitiu a cobertura por parte dos mesmos sobre o falecimento de Agostinho Neto.

A *Revista Cadernos do Terceiro Mundo* (CTM), por sua vez, tem um perfil distinto destes periódicos regionais. Surgiu na Argentina, em 1974, fundado por um grupo de jornalistas que combatiam os regimes ditatoriais em seus países, como Neiva Moreira, o argentino Pablo Piacentini e a uruguaia (naturalizada brasileira) Beatriz Bissio.

A proposta editorial era abordar as questões mais sensíveis aos povos que lutavam contra a colonização, oferecendo o olhar de um jornalismo social. Foi assim que suas páginas retrataram histórias, personagens e cenas que praticamente não apareciam na mídia convencional: as guerras civis em Angola e Moçambique, os conflitos no Oriente Médio, a resistência ao *apartheid* na África do Sul.

CTM utilizava enviados especiais ou jornalistas e especialistas dos próprios países, evitando apenas reproduzir os materiais enviados por Agências Internacionais de

notícias. Isso refletia na qualidade e no conteúdo das reportagens da revista, como no estudo de caso proposto por este artigo.

A morte de Agostinho Neto e o conteúdo na imprensa

Antonio Agostinho Neto nasceu em 1922. Era proeminente no movimento cultural nacionalista e acabou engajado na luta anticolonialista e democrática a partir de organizações juvenis em Portugal, onde cursou Medicina. Várias vezes foi preso pela repressão portuguesa. Em 1956 ajudou a fundar o MPLA, Movimento Popular pela Libertação de Angola, onde militou até o fim de sua vida.

Foi preso novamente em 1960 em seu consultório na capital angolana e apenas voltaria a Angola em fevereiro de 1975, na reta final da independência. Como liderança do MPLA, organização que controlava Luanda, seus bairros e parte do interior angolano, Neto assumiu a presidência do país a partir da retirada dos colonizadores lusitanos.

Governou entre 1975 e 1979. Neste último ano retirou-se para tratamento de saúde na URSS. Não voltaria mais com vida para a África. A imprensa deu ampla cobertura a este fato, em especial por todos os acontecimentos que cercaram Angola durante o governo Neto.

No jornal ZH, ao lado do noticiamento da morte de Neto e dos encaminhamentos do novo governo angolano, foram desenvolvidos balanços e análises vinculadas à morte do primeiro presidente pós colonização. Na edição de 12/9/79, ZH divulgou a morte de Neto com amplo espaço para isso:

> O presidente de Angola, Agostinho Neto, que venceu uma guerra civil do país (sic) com a ajuda de soldados soviéticos e cubanos, morreu segunda-feira à noite na União Soviética. Com 56 anos de idade, segundo informaram oficiais africanos.
>
> Neto chegou em Moscou no dia 6 de setembro para uma "visita extra-oficial". Foi operado de câncer, entrou em coma e morreu 48 horas depois. O Brasil declara luto oficial por três dias ("URSS e Cuba perdem seu grande aliado na África- câncer mata Agostinho Neto em Moscou", p. 17).

Além da tradicional biografia dos falecidos, ZH definiu Neto de forma elogiosa, sem poupar qualificativos: "Antiimperialista, anticolonialista e anti-racista por definição, o presidente Agostinho Neto era naturalmente amigo dos principais líderes socialistas contemporâneos e, principalmente, do cubano Fidel Castro". Neto também foi chamado de "um dos eminentes dirigentes do movimento revolucionário mundial, homem de estado e político excepcional da África, grande amigo da União Soviética", pela Agência Tass.

Quanto à causa da morte, ZH apenas divulgou que Neto tinha doenças "mais ou menos ocultadas a um ano". No campo das repercussões, a matéria especulou sobre as relações com os cubanos, os quais estavam ainda aos milhares em Angola como apoiadores do governo.

ZH incluiu nesta matéria, pela primeira vez, o reconhecimento da presença cubana ante um contexto hostil para o MPLA: "Cercado por países hostis, não restava ao (...) MPLA (...) outra saída que a de procurar ajuda estrangeira, e foi Cuba que, no dia 5 de novembro de 1974, fazia a balança pender para o lado de Agostinho Neto". (a data citada na reportagem está possivelmente imprecisa, mas foi mantida do original-nota do autor).

Por 'não restar outra saída', apesar da preocupação dos ditos 'meios oficiais', entes não nomeados nem definidos, a notícia parecia preocupada em justificar a ação cubana em Angola, ao menos no clima fúnebre quando da morte de seu presidente. A matéria concluiu chamando Neto de "pai da nação angolana", dando detalhes históricos de sua vida e de suas vitórias no comando do país.

Na mesma página de ZH, uma segunda matéria já especulou imediatamente sobre a sucessão de Neto. Tratou-se de uma matéria recheada de balanço e análise sobre a situação angolana, mas centrada na perspectiva de sucessão:

> A morte do presidente de angolano Agostinho Neto, em Moscou, deixou um vazio difícil de se preencher, tanto em Angola como em toda África Central, e as perspectivas do país que perdeu a única figura que simbolizava a unidade nacional depois de mais de 15 anos de guerra, eram, ainda ontem, incertas. (...) As estruturas do partido deverão permitir uma sucessão sem atritos, inclusive se, com o grande líder desaparecido, as ambições de poder se revelarem. Agostinho Neto não designou seu sucessor e serão necessárias várias semanas para se saber quem, entre seus colaboradores mais próximos, se imporá como um novo mandatário ("Sucessor só surgirá em algumas semanas").

Nesta reportagem, destacou-se a definição de "segunda guerra de libertação", vencida pelo MPLA contra a oposição armada, visivelmente sendo elogiada a ação do MPLA e de Neto, em linhas gerais: "A segunda 'guerra de libertação' terminou com a vitória do MPLA, que durante vários anos apareceu como representante único do estado angolano".

As definições ideológicas do MPLA estavam presentes, - "marxista-leninista, Angola se abriu ao mundo e afirmou sua posição internacionalmente" -, mas de forma tênue e seguiam sem ser um problema. Angola era respeitada e tinha certa estabilidade, segundo o conteúdo publicado em ZH: "Visivelmente, os investidores estrangeiros tiveram confiança na estabilidade do regime de Neto".

Do ponto de vista histórico, a matéria também lembrou as principais crises internas do MPLA:

> (...) as divergências sobre a linha a seguir não estiveram ausentes no interior do comitê central do MPLA. Uma grave crise explodiu durante uma reunião do núcleo dirigente e foram excluídos por "fraccionismo" vários de seus membros, entre eles o ministro do Interior Nito Alves.
>
> No dia 27 de maio de 1977, uma tentativa de golpe de estado, inspirado pelos setores "fraccionistas", foi derrotada pelas autoridades. Esta tendência, ao que parece, não desapareceu depois do fracasso do golpe. Os órgãos de imprensa denunciaram tal tendência em várias oportunidades depois do início do ano.

Por fim, especulou-se que as forças cubanas, entre outros atores estrangeiros, presentes em Angola durante a segunda guerra de libertação, continuariam a apoiar o "sucessor de Neto, como o sustentaram".

Em nenhum momento os tradicionais termos encontrados nos periódicos neste período como 'pró-ocidentais' ou 'governo marxista' apareceram neste balanço, em clima de condolências e retrospectiva histórica. Apenas levemente afirmou-se que Angola seguia uma 'linha marxista-leninista', sem definir o que seria isso, exatamente. A sucessão do poder continuou no conteúdo das notícias de ZH na edição seguinte:

> A agência nacional de notícias de Portugal, ANOP, informou que o Movimento Para a Libertação de Angola, partido governante, preocupado com o problema da sucessão, emitiu um comunicado na capital, Luanda, apelando aos operários a "manterem a disciplina e a vigilância militante para

> honrar verdadeira e dignamente a memória do presidente morto" ("Sucessão preocupa Angola": 13/9/79, p. 16).

Nesta matéria, ZH divulgou os detalhes que antecederam a escolha do sucessor de Neto, junto a um chamado 'militante' por parte do MPLA, e também descreveu em detalhes a longa lista de problemas de saúde do presidente os quais o levaram ao óbito: "lesões cardíacas, hepáticas, renais e do sistema nervoso, como resultado de um tumor canceroso no pâncreas", foram as informações centrais da Agência Tass.

Na mesma página, Newton Carlos, colunista de ZH neste período, desenvolveu uma análise da realidade angolana durante o governo Neto e as perspectivas após sua morte:

> Agostinho Neto morreu em Moscou, onde se tratava, mas a insistência em destacar esse detalhe, a morte "em Moscou" do presidente angolano, pode provocar uma distorção de fato. O grande teórico da "violência anticolonialista", Franz Fanon, morreu nos Estados Unidos, onde também foi tratar-se, e logo virou agente da Cia. O desaparecimento prematuro de Agostinho Neto coloca em pauta, como primeira interrogante, a questão de saber ou não se Angola continuará desenvolvendo uma diplomacia de aberturas. O presidente angolano era o animador dessa diplomacia de diversificar relações, de evitar dependências totais ("Neto e a flexibilidade ideológica de Angola").

Segundo o articulista, baseado em fontes como o *New York Times*, Neto buscou "alternativas" que evitassem a camisa de força de relações "restritas", e todo esse esforço de "abertura, flexibilidade ideológica interna e externamente, entra num campo de interrogações", a partir daquele período sucessório.

Naquele momento, Carlos dedicou sua coluna à luta interna de Neto por uma abertura política no governo angolano e ao combate deste aos setores mais radicais, como Nito Alves e o ministro Lopo do Nascimento, ambos afastados por Neto durante sua gestão de quatro anos.

Parecia haver um esforço por parte das notícias e mesmo na coluna de Newton Carlos em demonstrar Agostinho Neto, agora falecido, como um líder mediador, conciliador e flexível no comando de Angola, definições estas ausentes no conteúdo das

notícias durante anos. As análises catastrofistas e super pessimistas de inúmeros artigos pareciam distantes agora.

Desta forma, entre os dias 15 e 18 de setembro, ZH dedicou-se a divulgar o translado do corpo de Neto a Angola e os detalhes do funeral. Na edição de 15/9/79, (p. 13), com a manchete "O corpo de Agostinho Neto chega em Angola", ZH noticiou a presença brasileira do ministro Eduardo Portela da Educação e Cultura com sua comitiva delegada ao evento fúnebre.

Em 17/9/79, (p. 16), com a manchete "Hoje os funerais de Agostinho Neto", destacou-se a presença de vários presidentes no enterro, em especial dos países de língua portuguesa – inclusive Portugal - e países africanos, além da OUA (Organização da Unidade Africana). Por fim, em 18/9/79, (p. 18), os detalhes da condução do corpo do falecido estiveram presentes no conteúdo do periódico: "Uma urna de vidro para Agostinho Neto".

Vale ressaltar que este tipo de cobertura mais dramática – ausente no CP, por exemplo - era tradicional no conteúdo deste periódico, possivelmente refletindo interesses de seu público. Ao passar o período dos atos fúnebres de Neto, na edição de 21/9/79, a partir da definição do sucessor de Neto pelo MPLA, ZH deu a essa notícia destaque de topo de página:

> O ministro de finanças, José Eduardo dos Santos, que acumulava interinamente a presidência de Angola desde a morte de Agostinho Neto na semana passada, foi confirmado neste cargo, informou a Agência Nacional Portuguesa (...). José Eduardo dos Santos foi eleito ontem sucessor de Agostinho Neto numa reunião do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), organização marxista que detém o poder ("Angola já tem novo presidente eleito – José Eduardo dos Santos foi indicado por Agostinho Neto", p. 14).

Com o passar do enterro de Neto, voltou a ser citado o MPLA como "organização marxista que detêm o poder". Nesta matéria, a qual praticamente apenas relatou uma decisão dos líderes do MPLA foi incluída curiosa manchete na qual Neto teria indicado Santos para sucedê-lo. Tratava-se de uma especulação não comprovada pela ausência de um testamento político, conforme anteriormente definido em diversas reportagens.

Também, ao fim da matéria, chamou atenção a afirmação que Neto teria morrido sem ser operado, informação totalmente oposta às anteriores: "José Eduardo dos Santos era considerado estreito colaborador do ex-presidente, que morreu de câncer antes de ser operado". Este detalhe aparentemente foi algum tipo de erro editorial do periódico ou de suas fontes, não havendo qualquer correção posterior.

No dia seguinte, ZH desenvolveu matéria mais longa, trazendo perspectivas sob a ótica de suas fontes para o novo governo de Santos, além de trazer a tona todas as dúvidas que surgiram sobre o tratamento de Neto em Moscou e as contradições entre angolanos e soviéticos derivadas disso. Foi uma abordagem presente apenas em ZH.

> Num discurso à Nação, o novo chefe de estado jurou respeitar as leis constitucionais, defender por todos os meios a soberania e a integridade territorial, continuar a construção do poder popular em Angola e apoiar a luta dos povos oprimidos. (...) José Eduardo, de 37 anos, designado pelo Comitê Central do MPLA é casado com uma soviética e era conhecido dentro da hierarquia política como um dos principais defensores da amizade entre Moscou e Luanda.
>
> Apesar do aparente reforço da influência da URSS em Angola, em algumas áreas do poder notou-se um evidente mal-estar, aparentemente provocado pelas estranhas condições em que ocorreu a morte de Agostinho Neto, após uma intervenção cirúrgica em Moscou ("Posse de José Eduardo em Angola fortalece Moscou": 22/9/79, p. 14).

Nesta última matéria de ZH destacada neste artigo ocorreu um esforço por divulgar suposta crise entre parte dos dirigentes do MPLA e, por conseqüência, dificuldades nas relações entre Angola e URSS. Tudo sem a devida apuração metódica dos fatos, pois tinha como fonte a declaração de "um dirigente", ou de "mal estar em áreas de poder", ou ainda de um "sentimento anti-soviético notado a nível popular": "Os soviéticos assassinaram Netinho, nosso presidente, diziam algumas pessoas durante o cortejo fúnebre". Durante boa parte da matéria, ZH seguiu divulgando supostas divisões entre soviéticos e angolanos:

> Naturalmente, os dirigentes do regime evitaram expressar essa opinião, mas lamentaram publicamente a "precipitação" dos soviéticos com a relação à operação de Agostinho Neto. (...)

A limitada representação soviética do sepultamento – encabeçada por um dos 16 vice-presidentes da URSS – traduziu a desconfiança de Moscou ante seu aliado. O

Cremlim, que considerava Agostinho Neto com certa reticência, talvez não tenha apreciado as últimas decisões tomadas por ele pouco antes de sua morte.

Por outro lado, a reportagem garantiu que "os novos líderes de Luanda marcaram claramente sua orientação ao reafirmar que permanecerão fiéis aos princípios do marxismo-leninismo". Segundo as fontes, seguia a marcha pela instauração do chamado "poder popular". Uma curiosa declaração de um dirigente anônimo foi divulgada na matéria: "Não se pode ser marxista-leninista contra a URSS".

De qualquer forma, ZH encerrou sua análise do período do governo Neto trazendo algumas perspectivas para o futuro de Angola ainda vinculado a Cuba e à URSS e seus milhares de técnicos, militares e profissionais por um lado e ameaçado pela UNITA, por outro.

No periódico CP, por sua vez, a abordagem da morte do presidente Neto teve menos matérias em setembro de 1979, mas em 1978 houve em vários momentos citações a cerca da saúde do presidente de Angola, algo não visto em ZH.

Estas dificuldades na saúde de Neto foram vinculadas, em geral, à suposta crise política no país e na situação interna do MPLA. Em 12/4/78, ocorreu o precipitado anúncio de um desmentido sobre a morte do presidente. Foram usadas fontes da ANGOP, a qual informou na ocasião sobre viagem de amizade e repouso do presidente angolano a URSS, negando as especulações de intervenção cirúrgica que teria levado Neto a morte ("Angola desmente morte de Agostinho Neto", p. 3).

Na sequência, em 20/4/78, nova notícia sobre a saúde de Neto, desta vez recheada com mais fontes e dados concretos:

> O presidente angolano Agostinho Neto reuniu-se no Kremlin com o presidente Leonid Brezhnev, segundo informou a agência Tass. Acrescentou que Neto, que se disse estar gravemente enfermo, acha-se "atualmente em férias na União Soviética". (...) Na semana passada, o jornal londrino "The Sunday Telegraph" afirmara que Neto está sofrendo de leucemia, "sem esperança de cura", aumentando as especulações em torno do chefe de Estado angolano. Fontes portuguesas disseram que Neto também tem problemas cardíacos. A agência angolana de notícias, ANGOP qualificou "mentiras e insinuações fantásticas" as versões sobre a doença de Neto ("Pretória revela ajuda dos EUA na invasão de Angola em 1975", p. 2).

A maioria das suposições confirmaram-se com o tempo, apesar dos desmentidos oficiais temerosos de possível crise política. Na edição seguinte, justamente as conseqüências políticas da saúde debilitada do presidente são exploradas pelo jornal:

> A longa permanência do presidente Agostinho Neto na União Soviética fez surgir a luta pelo poder no partido marxista que governa Angola, segundo informaram porta-vozes de grupos guerrilheiros pró-ocidentais. (...) o médico particular do presidente de Angola confirmou numa entrevista recente a um jornal português, que Neto viajara a Moscou com o propósito de tratar-se de uma deficiência cardíaca.
>
> O cardiologista Armênio Ferreira informou ao semanário "O País" que o presidente angolano seguiu para a União Soviética porque estava sofrendo de estafa e insuficiência coronária, desmentindo, todavia, rumores de que seu estado de saúde é crítico. (...) um porta-voz de um grupo guerrilheiro pró-ocidental, sustentou que Neto estava gravemente enfermo, havendo uma luta dentro do partido para substituí-lo. Segundo o informante, o filme mostrado pela televisão soviética sobre a visita do presidente da Angola foi retirado dos arquivos da emissora estatal ("Rebeldes afirmam que facções do MPLA lutam pelo poder em Angola": 21/04/78, p. 2). MC

Especialmente a partir de fontes dos rebeldes guerrilheiros de Angola, sem o devido contraponto como na matéria anterior, CP divulgou suposta crise no MPLA, bastante dividido por lutas internas ante a deficiência da saúde de seu líder maior: "a doença de Neto, aliada a tensões intrapartidárias, provocadas pela ofensiva guerrilheira em três frentes, fez surgirem quatro facções dentro do MPLA".

Estes dados não foram confirmados pela realidade, nem tampouco foram aprofundados na notícia nos dias e nas edições seguintes do CP. Na edição de 13/5/78, como sub tema de outra notícia, mais uma vez desmentiu-se uma doença – desta vez leucemia – do presidente Neto. Junto a esse desmentido, destacou-se a ausência de Neto nos últimos acontecimentos em Angola, como nas atividades do dia do trabalhador, o 1º de Maio ("Chanceler acusa Carter de agir com hipocrisia no sul da África", p. 3).

A saúde de Neto foi tematizada no CP, a partir daí, apenas em setembro de 1979, ao ser noticiada especificamente a morte do presidente com grande destaque na capa da edição. Desta vez, era verdadeira a notícia:

> O presidente de Angola, Agostinho Neto, o médico e poeta que conquistou a independência para seu país e venceu uma guerra civil contra facções pró-ocidentais angolanas, morreu ontem nesta capital, após ter sido operado do fígado e dos rins, informaram hoje as autoridades soviéticas. A agência Tass disse que Neto sofria de hepatite e cirrose crônica ao chegar a Moscou no dia 6 deste mês e morreu ontem, uma semana antes de completar 57 anos.

> "O presidente foi operado sábado passado, mas os distúrbios das funções renais e hepáticas causaram uma intoxicação crescente que deu origens a alterações no sistema nervoso central, no coração e nos vaso sanguíneos", segundo a Tass ("Primeiro presidente de Angola morreu em Moscou", 12/9/79).

CP, ao dar destaque de capa a esta notícia, também aproveitou para realizar um balanço dos acontecimentos centrais na gestão de Neto a frente de Angola, das relações entre Angola e EUA e mesmo com os cubanos.

Diferente de ZH, no CP o MPLA foi chamado de "partido de orientação marxista fundado e dirigido por Neto". Não houve no CP a trégua de adjetivos percebida em ZH. CP confirmou os antecedentes da doença de Neto, visto que isso esteve presente em sua cobertura no ano anterior: "Neto estava mal de saúde há vários anos e estaria sofrendo de leucemia ou de deficiência cardíaca, tendo sido internado várias vezes em hospitais soviéticos".

CP também não dividiu politicamente angolanos e soviéticos em nenhum momento: "Neto era muito bem relacionado com a União Soviética, de quem recebeu substancial ajuda durante a guerra de independência de Angola". Por outro lado, a matéria não poupou as caracterizações sobre as dificuldades na vida angolana, apesar do momento fúnebre: "Neto estava lutando contra uma economia cada vez mais decadente e contra três obstinados movimentos rebeldes".

Na edição do dia seguinte, a matéria sobre a morte de Neto debateu possíveis sucessores e o risco de desestabilização pela morte do presidente. Citando como fonte a agência soviética de notícias, a Tass, também foi noticiada a nota de condolência soviética, da mesma forma que ZH: "um leal filho do povo angolano, um proeminente líder do movimento revolucionário internacional, um estadista e político africano de exceção, um ativo lutador pela paz e grande amigo da União Soviética".

Houve um esforço para esclarecer a razão da morte do presidente: "O líder angolano faleceu de complicações cardíacas, hepáticas, renais e do sistema nervoso, em conseqüência de um tumor canceroso no pâncreas", conforme boletim médico divulgado pela Tass ("Angola pede disciplina durante o período da sucessão presidencial": 13/9/79, p. 2).

Desta forma, CP noticiou o desaparecimento de Neto e encerrou a cobertura deste período da história angolana. Ao contrário de ZH, não houve nos dias seguintes especulações nem análises da sucessão de Neto. Também não foi divulgada a eleição de José Eduardo dos Santos como sucessor de Neto no final de setembro, sendo esta uma flagrante diferença de cobertura se comparados os dois periódicos.

Visivelmente, para o CP, a eleição de José Eduardo como novo presidente angolano não teve hierarquia suficiente para ser destacado em suas páginas – ao menos até o final de setembro de 1979 - nem pareceu ser fato jornalisticamente relevante, uma opção de difícil compreensão.

A cobertura no CTM foi distinta. A revista realizou um balanço deste período angolano numa edição de 1985 onde reproduziu os acontecimentos em Luanda a partir da notícia da morte de Neto na URSS incluindo relatos do cotidiano daquele dia.

> Fazia calor naquele 10 de setembro de 1979. O céu estava nublado e o ar quase parado. Nas ruas de Luanda, o movimento era absolutamente normal, quando, por volta das 13 hs, a cidade inteira parou. A rádio Nacional interrompeu suas transmissões e o locutor pronunciou a frase que a maioria dos angolanos não esqueceu até hoje: "O nosso presidente camarada Agostinho Neto morreu". A segunda frase do texto já foi pronunciada com a voz trêmula, e, daí por diante, o locutor não pôde conter o choro. (...) A uma e meia da tarde, já não havia quase mais carros na rua. Um pesado silêncio começou a se abater sobre a cidade. As pessoas quando não choravam, falavam baixinho. Nas repartições públicas, o trabalho parou. A notícia se espalhou em ondas de choque. As ruas foram ficando vazias, enquanto a rádio transmitia música fúnebre. Às três da tarde, já havia mulheres vestidas de negro e homens com uma faixa de luto no braço direito. Quando a noite caiu, Luanda era uma cidade traumatizada ("O dia em que Angola parou": novembro de 1985, p. 32 e 33).

Esta descrição em CTM, incluindo relatos de pessoas no dia do ocorrido se difere bastante da abordagem mais acelerada dos periódicos. As revistas trazem noticiários mais complexos e mais amplos até pelo tempo maior para elaboração. CTM optou neste caso em desenvolver um conteúdo mais afável e simpático a Neto e próximo ao culto de personalidade.

Não incluiu em seu balanço as dificuldades e contradições da gestão de Neto e as diversas crises ocorridas durante seu governo, algo bastante explorado no CP e também em ZH.

Vários depoimentos populares foram registrados nesta reportagem de balanço. Emilio Mavuni, nomeado como 'motorista', afirmou: "Eu não ouvi a notícia pela rádio. Foram meus colegas de trabalho que me contaram". A idéia de que Neto era tido como um 'pai' da nação, percebeu-se neste relato: "Nosso pai morreu. Até hoje não consigo explicar, mas entendi que era o camarada Agostinho. Ele era mesmo o nosso pai, o homem em que a gente confiava".

Nenhum depoimento crítico foi colhido nem selecionado pelo CTM nesta retrospectiva. A retrospectiva bastante favorável à imagem de Neto o considerou como "Guia Imortal da Revolução Angolana". Em 1985, estando ainda o MPLA no poder, todas as homenagens e todo resgate de memória perante a Agostinho Neto foi estimulado: "Sua foto está em todas as repartições públicas. O 'Jornal de Angola' publica citações do presidente morto todos os dias, no alto da primeira página".

A inauguração de um mausoléu e o lançamento de obras literárias de Neto em muitas línguas também foi destacada na reportagem. Mas os relatos do cotidiano de Luanda no dia da morte foram o centro do texto:

> "Sempre que eu vejo filmes sobre a morte de Agostinho Neto, fico todo arrepiado. Acho que nunca senti uma emoção tão forte em minha vida. O que mais me impressionou foi talvez o fato de todos, mas todos mesmo, estarem abalados. Em questão de horas, na rua não se via mais ninguém com roupas coloridas. Era tudo preto ou escuro. As flores desapareceram, porque aqui é hábito levar flores para um morto querido. Eu fui mandado para o interior com vídeo-cassete das imagens da volta do corpo. Nas aldeias onde chegávamos, as ruas estavam vazias e toda a população concentrada para as cerimônias fúnebres que duraram 15 dias. Todos cantavam ininterruptamente, e, de vez em quando, alguém falava mais alto improvisando algo que desejava expressar. Quase todas as mulheres choravam. No interior é que se pode sentir realmente qual o grau de comoção popular, porque lá nada foi organizado" (Manuel Tomás Francisco, cineasta).

Participando de CTM, Beatriz Bissio foi jornalista atuando no terreno internacional, Correspondente e fundadora de CTM, foi diretora e editora da revista entre 1974 e 2006. Na sua atuação como jornalista esteve na África, Ásia e Oriente Médio, período no qual fez a cobertura de momentos marcantes da história contemporânea como a guerra de libertação e independência de Angola.

Em entrevista ao autor deste artigo em 9/2/2011, a jornalista considerou a participação de Neto junto aos demais líderes do MPLA do processo angolano também de maneira elogiosa:

> Admiração por Neto, extraordinária pessoa, sensível, poeta e médico. Envolvia seus interlocutores com seus argumentos. O Primeiro ministro Lopo do Nascimento também se destacou, assim como Lucio Lara, entre outros. O movimento era maravilhoso e caótico, incorporando o povo para luta e combate, consciente, organizado e liderado por Neto.

Assim como Bissio, a revista CTM teve um conteúdo solidário não só a Neto em sua morte, mas ao conjunto da história angolana pós colonização, conteúdo não observado em periódicos como ZH e CP.

Observações finais

Com o desaparecimento de Agostinho Neto, de forma simbólica, se encerrou a primeira etapa da independência angolana: os quatro anos de seu governo liderando o novo Estado Nacional e na linha de frente do vitorioso MPLA.

O colunista Newton Carlos, em entrevista a este autor em setembro de 2007, afirmou que a ação de Neto e seu governo tiveram como principais destaques "a seriedade revolucionária, embora tendo como inspiração um modelo que se revelou um fracasso, o soviético, e sobretudo a ausência de corrupção". [ii]

A partir deste destaque, a morte de Neto foi descrita nas páginas do CP e de ZH de maneiras diversas, com destaque ao balanço do seu período de governo. Cada periódico a sua maneira cobriu retrospectivamente uma série de momentos e crises fundamentais desafiadoras do novo Estado Nacional angolano, ao tematizar o óbito do líder angolano. Não esqueceram de destacar o papel e a importância do indivíduo – no caso, a pessoa de Agostinho Neto - na História angolana daquele período.

Assim, a abordagem jornalística destes periódicos tradicionais de grande circulação, junto ao conteúdo de CTM, demonstrou o tamanho do desafio pós independência de Angola e os caminhos para sua consolidação, ao noticiar a morte de seu líder e primeiro presidente pós independência. Tal desafio se manteria por muitos anos sob a presidência de José Eduardo dos Santos.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves. **A modernização da Imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ANDERSON, Perry. **Portugal e o fim do Ultracolonialismo.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

CHALIAND, Gerard. **A Luta pela África.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERRO, Marc. **História das Colonizações.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.

FILHO, Ciro Marcondes. **Imprensa e Capitalismo.** São Paulo: Editora Kairós, 1984.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo.** Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

GALVANI, Valter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Jr.** Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1995.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra.** *V. II*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2002.

KOHN, Hans ; SOKOLSKI, Wallace. **El nacionalismo africano em el sigo XX.** Buenos Aires: Editora Paidos, 1975.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando Contra os Fatos.** Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.

READER, John. África: **Biografia de um Continente.** Lisboa: Publicações Europa-América, 2002

RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo.** Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.

SANTOS, Fernando B. **Angola na Hora Dramática da Descolonização.** Lisboa: Editora Prelo, 1975.

SCHIRMER, Lauro. **RBS: da voz do poste à multimídia.** Porto Alegre: Editora L&PM, 2002.

SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos.** São Paulo: Editora Alameda, 2004.

VISENTINI, Paulo G, Fagundes. **A África Moderna: um continente em mudança (1960-2010).** Porto Alegre, Editora Leitura XXI, 2010.

Artigos consultados

ABRAMO, Perseu. Significado político da manipulação na grande imprensa. IN: **Fragmentos de Cultura**. Goiânia: IFITEG, 1991.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY,Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contextos, 2005.

GRAZZIOTIN, Francine. Imprensa: considerações para seu uso como fonte histórica. disponível em <http://www.semina.clio.pro.br/4-1-2006/Francine%20Grazziotin. pdf > acesso em 10/7/2007.

SANTOS, Daniel dos. Sociedade política e formação social angolana (1975-1985) *In*: **Estudos Afro-Asiáticos**, Nº 32, Dez. 1997. Rio de Janeiro: Editora Universidade Cândido Mendes, 1997.

Notas

[i] Especialista em Estudos afro brasileiros e Mestre em História pela UFRGS. O presente artigo é parte ampliada e revisada da dissertação intitulada "Entre ferro e fogo: visões da imprensa sul rio-grandense sobre o contexto angolano durante o governo Agostinho Neto (1975 – 1979)", que analisa o conteúdo da imprensa do Rio Grande do Sul quando cobriu a independência angolana e a consolidação deste Estado Nacional na década de 1970. contato:mauro.238@hotmail.com

[ii] Newton Carlos cedeu entrevista via mail em 4/9/2007 para a pesquisa que deu origem a este artigo. Nascido na cidade de Macaé (RJ) em 1927, começou sua carreira jornalística no extinto jornal "Correio da Manhã" nos anos 1950 e passou pelos principais jornais e TVs do Brasil. Foi colunista de política internacional de jornais

como Folha de São Paulo, Tribuna de Imprensa e Revista Manchete. Escrevia sua coluna em Zero Hora no período recortado neste artigo (nota do autor).